

Exame do Cremesp indica despreparo dos médicos recém-formados

Em outubro de 2014, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) promoveu a décima edição do Exame do Cremesp, que avalia o desempenho dos recém-formados em escolas médicas do Estado de São Paulo. Os dados obtidos são alarmantes: dos 2.891 recém-formados que participaram do exame em 2014, um total de 1.589 – ou 55% deles – não atingiram o critério mínimo definido pelo Cremesp. Ou seja, acertaram menos de 60% do conteúdo da prova. Os outros 1.302 egressos – ou 45% – alcançaram mais de 60% de acertos.

Os números também revelam as estatísticas em relação às escolas do Estado de São Paulo. Entre as entidades públicas paulistas, a reprovação foi de 33%, enquanto que, entre os cursos de medicina privados, 65,1% foram reprovados. “A insuficiência de conhecimento de mais da metade dos egressos do curso médico do Estado de São Paulo evidencia a necessidade de intervenção e revisão completa dos parâmetros do ensino da medicina. Não é aceitável que faculdades sem hospitais-escola, com corpo docente desqualificado, sem laboratório e recursos adequados continuem funcionando com o foco exclusivo no lucro e colocando na assistência aos brasileiros profissionais que nem para curar uma gripe servem”, comentou indignado, Antonio Carlos Lopes, presidente da SBCM e atual diretor da Escola Paulista de Medicina da Unifesp.

Muitas das questões apresentadas pelo exame também exigiram dos participantes conhecimentos básicos em Medicina de Urgência e Emergência. “Essa prova indicou que não estamos dando o devido valor para algo que é muito importante: a formação do profissional. E isso certamente está relacionado à abertura de escolas médicas sem critério que não conseguem garantir qualidade de ensino. É essa a política que o Brasil encontrou de formar mais médicos?”, questionou o presidente da Abramurgem, Fernando Sabia Tallo.



Créditos: Osmar Bustos

A prova foi aplicada pela Fundação Carlos Chagas (FCC) e teve duração de quatro horas. Foi composta por 120 questões de múltipla escolha, com cinco alternativas de respostas, abrangendo as principais áreas da medicina: Clínica Mé-



Créditos: Osmar Bustos

dica, Clínica Cirúrgica, Pediatria, Ginecologia, Obstetrícia, Saúde Pública, Saúde Mental, Bioética e Ciências Básicas.

De acordo com os critérios da FCC, o nível das questões abordadas era de fácil e médio conteúdo, e o candidato deveria responder corretamente a 72 das questões, o que corresponde a um percentual de acertos de 60%. Especificamente nas áreas de Clínica Médica, Clínica Cirúrgica e Pediatria, a maioria obteve desempenho primário. Além dos médicos formados em São Paulo, o exame também avaliou 468 egressos de cursos de Medicina de outros Estados brasileiros. E o resultado indicou que entre eles a reprovação foi ainda maior que a dos demais participantes, alcançando 63,2%.

As dificuldades dos participantes em várias questões revelaram a falta de conhecimento na solução de eventos frequentes no cotidiano da prática médica. Muitos daqueles que participaram do Exame do Cremesp de 2014 desconhecem o diagnóstico ou tratamento adequado de casos básicos e problemas de saúde frequentes, como: atendimento inicial de vítima de acidente automobilístico; atendimento de vítima de ferimento por arma branca (47%); pneumonia (67%); pancreatite aguda (37%); pedra na vesícula (67%). “À medida que os números são expostos, ao menos alguns cursos se preocupam em melhorar seu desempenho. Além disso, a imprensa denuncia e a sociedade faz pressão sobre a classe política e os gestores para a imediata revisão do aparelho formador. É um avanço, mas não é o suficiente”, conclui Antonio Carlos Lopes. Para Fernando Sabia Tallo, todos os Conselhos Regionais de Medicina do País deveriam implantar a prova, seguindo o exemplo paulista. “Ideal é que o exame seja unificado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e obrigatório para todos aqueles que queiram exercer a profissão”, completa.

✱ **Abramurgem completa 6 anos trazendo novidades**
p. 2

✱ **Os destaques da programação de eventos 2015**
p. 3

✱ **Confira entrevista com o cirurgião torácico Márcio Maranhão**
p. 4

EDITORIAL

Enfiando o pé



Para Millôr Fernandes, quem fala muito acaba mente porque esgota seu estoque de verdades. O governador Pezão, sobre a despoluição da Guanabara disse que o importante é que a baía saiu de 17% e hoje alcança despoluição de 49%. Sua excelência acha que se a quantidade de “sobrenadante” é moderado, então, pode ser aceito, comemorado e serve até mesmo de propaganda de governo. Afinal, estamos acostumados com políticos que falam muito e esgotam a céu aberto. O problema será explicar isso a um dinamarquês durante as Olimpíadas.

Um exercício para o mal cheiroso jeitinho brasileiro.

A propósito, o CFM denuncia que 25% das UBSs não têm sala de expurgo ou esterilização, 18% não têm depósito de material de limpeza, 37% não havia sanitário adaptado a deficientes, 4% dos consultórios ginecológicos não tinham banheiro, 23% não tinham toalha de papel, 21% sabonetes e em 6% não dispunham de pia para o médico lavar as mãos no consultório.

De acordo com o TCU, mesmo os intercambistas que não foram aprovados na pérfida avaliação do ministério foram mantidos no programa. Muitas prefeituras tiveram o número de médicos diminuído. Segundo ainda o TCU, 49% dos municípios tiveram redução de profissionais. Ao menos 1929 médicos ficaram sem a tal “tutoria” prometida pelo ministério e 57% deles nunca tiveram acesso ao plano de trabalho com indicações de atividades a serem realizadas e a metodologia de acompanhamento.

A Rede Bandeirantes revelou gravações que confirmam o que denunciávamos. É um programa que ajuda a financiar uma ditadura sangrenta, que fuzilou milhares de pessoas, com 1,6 bilhão de reais de nossos impostos, que desrespeita leis trabalhistas da OMS e a constituição federal, que trata como escravo milhares de seres humanos e coloca em risco milhões de pessoas inocentes.

O ministro da saúde em resposta ao relatório do TCU, seguindo o conselho de Millôr, não falou muito e adivinhem: segundo sua excelência, é tudo um engano.

E em homenagem ao odor fétido da Guanabara e a 62 % de brasileiros (Datafolha):

*“Profundissimamente hipocondríaco
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Vermes, Vermes, vermes.”
Augusto dos Anjos*

Fernando Sabia Tallo, presidente da Abramurgem

Abramurgem comemora seis anos

Em 2015 a Abramurgem completa seis anos de fundação com muitas novidades para seus associados. Visando uma comunicação mais eficiente e com conteúdo aprofundado, o jornal Sala de Emergência a partir desta edição passa a ter circulação trimestral. Em breve, o layout também será reformulado para tornar a leitura ainda mais agradável.

Estamos trabalhando ainda na revitalização do site da entidade a fim de oferecer mais dinamismo na interação com nossos sócios. Já o associado que acompanha os lançamentos da série Emergências Clínicas Brasileiras, poderá desfrutar dos descontos exclusivos na aquisição dos livros com o selo Abramurgem. Mais informações em breve.

Vmurgem em Fortaleza



Uma das edições do Vmurgem em Fortaleza, ministrado por Dr. Fernando Tallo, presidente da Abramurgem, recebeu médicos da capital, do interior e de estados vizinhos

Nos dias 21 e 22 de março, a Abramurgem – Regional CE promoveu o curso de Vmurgem - Curso Básico de Ventilação Mecânica na Urgência e Emergência, destinado a médicos, enfermeiros e fisioterapeutas. O curso foi ministrado pelo Dr. Kitt Rôla, presidente da Regional, em Fortaleza e repetiu o sucesso das edições anteriores que acontecem desde 2012 e já se expandiu para o interior do estado do Ceará, atraindo profissionais interessados em aprofundar os conhecimentos de mecânica respiratória, monitorização, indicações e efeitos fisiológicos, ventilação artificial entre outros temas pertinentes ao cotidiano dos prontos-socorros e salas de emergências.

EXPEDIENTE

Sala de Emergência Edição - 33

O jornal Sala de Emergência é uma publicação da Associação Brasileira de Medicina de Urgência e Emergência.

Endereço: - Rua Botucatu, 572, Cj. 114 - Vila Clementino / São Paulo - SP - Cep. 04023-061 - www.abramurgem.org.br - imprensa@abramurgem.org.br

Presidente: Fernando Sabia Tallo

Impressão: Pigma - **Diagramação:** Luis Marcelo Nascimento

Jornalistas: Ana Elisa Novo (MTB-41871/SP) / Kátia Gomes (MTB - 32343/SP)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Abramurgem.



Comitê Brasileiro das Ligas de Trauma debaterá primeiros socorros em cenário de violência



O Comitê Brasileiro das Ligas de Trauma realizará no dia 17 de maio de 2015, a partir das 8h30, o I Congresso das Ligas de Trauma e Emergência do Rio de Janeiro. No encontro, acadêmicos da área de saúde das universidades do Estado deverão discutir e aprender sobre novos procedimentos de na área do trauma e da emergência.

O Congresso analisará questões relacionadas ao tema Intervenção e primeiros socorros em cenários de violência e reunirá acadêmicos da área de saúde de todas as universidades do Estado para discutir e aprender sobre a vanguarda na área do trauma e da emergência. Com o intuito maior de prestigiar o trabalho das Ligas Acadêmicas e a educação que essas proporcionam serão exibidos painéis, usados para divulgar projetos de extensão, pesquisa e ensino realizados pelas mais diversas Ligas do País.

A programação contará com palestras e workshops, além de produções científicas com o objetivo de promover o intercâmbio de conhecimento. Portanto, o Comitê Organizador do evento, para fomentar o interesse em divulgação de trabalhos científicos, criou o Prêmio Científico do I Congresso das Ligas de Trauma do Rio de Janeiro, com o objetivo de proporcionar uma oportunidade para exposição e discussão dos trabalhos científicos de acadêmicos dos cursos da área da saúde com vistas à avaliação do desenvolvimento de projetos realizados nas mais diferentes áreas, além do intercâmbio de experiências entre estudantes, pesquisadores e demais profissionais.

Essa integração reforça a importância da produção científica desde a graduação na construção do conhecimento e fortalece a sua inserção na própria Instituição. A premiação visa incentivar a produção científica durante a graduação, além de premiar aqueles que se destacaram em seus trabalhos durante a realização e apresentação, como também a dedicação dos estudantes e orientadores que obtiveram destaque em suas respectivas áreas de atuação.

Mais informações em

<https://doity.com.br/i-congresso-das-ligas-de-trauma-e-emergencia-do-rj>

Abramurgem apoia o ISICEM-LA

O 8º International Symposium on Intensive Care and Emergency Medicine for Latin America - ISICEM acontecerá no Hotel Transamérica, em São Paulo, entre os dias 17 e 20 de junho de 2015. Apoiado pela Abramurgem, o evento é uma parceria entre o Centro de Terapia Intensiva do Hospital Israelita Albert Einstein e o Departamento de Terapia Intensiva do Hospital Erasme, da Universidade Livre de Bruxelas. Realizado desde 2001, o ISICEM-LA é considerado o melhor simpósio de terapia intensiva do mundo destinado a médicos intensivistas, enfermeiros, fisioterapeutas e profissionais relacionados à área da saúde.

Mais informações pelo site www.einstein.br/isicem

I Encontro de Urgências e Emergências em Clínica Médica

Os prontos-socorros e prontos-atendimentos são a porta de entrada de significativa parcela da população e necessitam de maior atenção. Neste sentido, a Editora Atheneu e o Instituto Phorte Educação se uniram para promover, no próximo dia 30 de maio, o I Encontro de Urgências e Emergências em Clínica Médica, que contará com a presença de renomados médicos da rede de hospitais públicos e privados.

O evento acontece em São Paulo, mas também pode ser acompanhado via online por aqueles que impossibilitados de estarem presentes na data.

Mais informações pelo telefone (11) 3171-3709 ou pelo site www.urgenciasemergencias.cursoemmedicina.com.br

Vmurgem em Belo Horizonte

O curso de Ventilação Mecânica na Urgência e Emergência da Abramurgem foi criado a fim de promover a atualização e o treinamento do profissional que atua nos serviços de urgência e emergência, no transporte de paciente grave e em Unidade de Terapia Intensiva, bem como alunos do sexto ano de medicina. O conteúdo do curso introduz conceitos básicos de ventilação mecânica por meio de aulas teóricas e simulações práticas para cada atividade profissional e é ministrado em 16 horas, divididas em dois dias.

A próxima edição do Vmurgem em Belo Horizonte acontece nos dias 11 e 12 de abril, no Centro de Treinamento Curem. As vagas são limitadas.

Mais informações pelos telefones (31) 8862-0604 e 2573-2599 ou pelo e-mail contato@curem.com.br.

Fórum Internacional de Sepse 2015



O XII Fórum Internacional de Sepse já tem data marcada para acontecer: dias 28 e 29 de maio de 2015, em São Paulo. Promovido pelo ILAS - Instituto Latino-Americano da Sepse, o evento conta com o apoio da Abramurgem e irá receber especialistas de diferentes países que irão abordar temas abrangentes. Entre eles, qualidade de vida a longo prazo do paciente séptico; aplicando os resultados dos estudos de EGDT à realidade brasileira; protocolos gerenciados de atendimento do paciente séptico; manejo hemodinâmico do paciente séptico; infecções nosocomiais: um grande desafio; aumentando a sensibilidade do diagnóstico da sepse; suporte às disfunções orgânicas.

Mais informações pelo site <http://www.forumsepse.com.br/2015>

ENTREVISTA – Márcio Maranhão



O cirurgião torácico Márcio Maranhão, 44 anos, carioca da Gávea, entrou no Sistema Único de Saúde (SUS) por concurso público, em 2001, com um salário de R\$ 1.247 para uma jornada de 20 horas semanais. Nos nove anos que passou na função, teve um aumento de R\$ 100. Mas não foi apenas a baixa valorização como profissional que marcou seu tempo na rede pública, pela qual se declara ainda apaixonado. Os anos nas urgências e pront-socorros o tornaram testemunha ocular de uma guerra diária, na qual profissionais e pacientes sofrem as consequências da falta de recursos e da má gestão. Suas memórias deste território minado inspiraram seu livro “Sob pressão: a rotina de guerra de um médico brasileiro” (2014, Editora Foz, R\$ 38,90), um relato cativante, a ser devorado num fôlego só, que gera reflexão a partir da descrição da dura realidade da medicina no Brasil. Nesta entrevista, fala de suas angústias, frustrações e expectativas.

Qual a rotina de um médico brasileiro, especialmente daquele inserido no Sistema Único de Saúde (SUS)?

Maranhão - É uma rotina de guerra, na qual há o enfrentamento diário de uma situação totalmente adversa de quando se deseja e se quer – de fato – realizar uma medicina de boa qualidade, quando a intenção é exercer a profissão em sua plenitude. Isso implicaria numa prática médica com condições mínimas fundamentais que contemplem a humanidade e a dignidade no atendimento do paciente. No dia a dia, na prática, os obstáculos aparecem na falta de condições e leitos; na inexistência de um dreno torácico e de um fio; na ausência de um anestesista. Enfim, na carência estrutural que não me deixa agir, não me permite atuar com qualidade e nem me permite trabalhar. Nessa rotina, parece que a gente rema contra a correnteza.

Por que alguns médicos aceitam a precarização do trabalho?

Maranhão - Eu tenho 20 anos de formado e, de fato, demorei a entender onde estava inserido, qual seria o meu papel no contexto da saúde pública. Acho que os órgãos representativos de classe têm um papel fundamental nessa conscientização de quem é recém-chegado ao mercado de trabalho. Hoje o egresso tem muita urgência em ganhar dinheiro, de ter alguma coisa antes de ser alguma coisa. Isso é fruto de uma formação médica muitas vezes superficial. Eu tenho convivido com muitos que deixam a faculdade, que me viam trabalhar e aprenderam comigo, e logo em seguida tinham como meta ganhar dinheiro. Há uma urgência, um imediatismo muito grande, que os coloca diante de um dilema: “eu não vou ganhar esse salário, não quero saber de carreira pública, quero ganhar o meu”. Essa postura gera fragmentação dentro da classe médica e repulsa ao serviço público, o que colabora para que tenhamos um cenário cheio de distorções.

Os jovens médicos ainda acreditam no SUS ou estão abandonando-o?

Maranhão - Atualmente, o que se vê é um ceticismo muito grande. O recém-formado vai ao SUS, vê o cenário, vê o caos, e fala: “pronto, já conheci o caos; sei como é e não quero isso pra mim”. Então, de certa forma, existe um contexto que afasta o médico ou o faz se sentir repellido. Sem fatores que o estimulem a ficar, ele pensa: “não vou ficar aqui, pois é um quadro de guerra, caótico”. Até sabemos que essa não é uma verdade absoluta, pois há ilhas de excelência no SUS. E nesse mar de abandono porque não podemos ter outras ilhas de excelência, que podem ser replicadas? Esses modelos existem também, principalmente, pelo comprometimento e esforço pessoal do médico, chefe do serviço, e pela produção de conhecimento de que ele é capaz. Quem não se enquadra nessa categoria, resiste até não sei quando, pois o universo não conspira a favor. Conheço hospitais com serviços dotados de profissionais capacitadíssimos, gabaritadíssimos, mas que não têm condições de operar um doente, pois não há leitos disponíveis no Centro de Tratamento Intensivo, não tem equipamento, não existe uma estrutura mínima para que se possa oferecer um cuidado cirúrgico digno. Assim, o jovem médico chega, vê a falta de perspectivas - seja salarial, de infraestrutura ou política – e percebe que isso tudo não é convidativo.

Em sua opinião, vivemos um tempo de brutalização da assistência?

Maranhão - Entendo que há a brutalização do sistema. Vê-se a falta de dignidade no atendimento ao paciente. Atende-se o paciente em maca no corredor, sem nenhuma privacidade, totalmente desprovido de sigilo, quanto mais de humanidade, de dignidade para que tenha ali seu problema resolvido. Essa brutalização é fruto desse cenário caótico e é brutal também para o médico, que tem de conversar com o doente perto de outros pacientes, sem a menor privacidade, situações que ferem nosso código de ética. O sistema nos brutaliza. O jaleco sai branquinho da faculdade e vai amarelado com o tempo. Na verdade, nós vamos sendo endurecidos pelo sistema. Não podemos deixar que isso se torne a normalidade. Isso não é normal, não podemos nos acostumar com isso.

Várias reportagens e algumas pesquisas de comportamento apontam uma crítica do paciente em relação ao médico. Sobre se fala em um distanciamento entre esses dois polos. O que tem prejudicado esse vínculo?

Maranhão - Tocar no paciente faz toda a diferença. Dar-lhe a mão, olhá-lo e escutá-lo são atitudes que compõem a grande revolução para haver uma mudança. É preciso trazer um pouco daquilo que se perdeu, dado o imediatismo da profissão, a fragmentação do cuidado, a necessidade de pedir exames complementares. Não se pode prescindir dessa relação médico-paciente. Isso é fundamental, a essência do nosso ofício. Essa confiança passa pelo olhar, pelo toque, o que gera repercussões positivas no tratamento e é emblemático. Pode-se fazer isso independentemente das condições.

Como resgatar esse pilar da medicina?

Maranhão - Existem muitas escolas de medicina, mas não se vê por aí a qualidade necessária na formação. Há muito mais uma necessidade de capital, mercantilista, de ganhar dinheiro com o curso de medicina, que é caro e tem demanda. É preocupante a situação dos médicos que ingressam no mercado de trabalho com essa formação rasa, que não passa pelo lado filosófico, antropológico, ético e social da medicina. Também acompanhamos escolas de medicina tradicionais prejudicadas pela falta de incentivo, com um hospital universitário sucateado. Defendo que a formação do médico passe por um centro de produção do conhecimento, de pesquisa. Sou muito simpático a essa ideia. Na verdade, atualmente o médico se torna a face da inoperância do Estado. E aos olhos da população, recai sobre o médico essa ineficiência. Não quero ser corporativista, mas me preocupa muito uma sociedade sem a figura de um médico ou de um professor valorizado. Temos notícias de médicos que faltam ao plantão, porém não se fala dos médicos que salvam vidas, que trabalham arduamente em péssimas condições, que produzem ciência, que publicam, que continuam no front de batalha, tentando fazer uma medicina de qualidade.

Fonte: Entrevista de Paulo Henrique de Souza para a Revista Medicina (Ed. Maio/Ago 2014), publicação do CFM, gentilmente cedida ao Sala de Emergência